ISSN: 2358-8829

A ESCRITA COMO PROCESSO INTERATIVO: USOS E POSSIBILIDADES NA PRÁTICA DO REVISOR DE TEXTOS

Patrícia Wanderley Nunes [1]
Flávia Maria Laureano Ferreira [2]
Jeferson Silva da Cruz [3]

INTRODUÇÃO

Com o advento da Linguística Textual, compreendeu-se que a língua se constitui como um sistema heterogêneo, não devendo ser concebida como estrutura estanque e acabada. Existem muitas pesquisas sobre o assunto e essa visão vem sendo disseminada entre profissionais e estudiosos. Entretanto, na prática, há uma supervalorização da regularidade normativa do sistema linguístico, devido ao processo histórico e ao modelo de implantação da língua portuguesa no Brasil. Esses são fatores que afetam o revisor de modo negativo, já que a função de revisar fica restrita à prática de corrigir os erros de escrita que ferem a norma padrão.

Consideramos essa uma visão equivocada, pois a língua se materializa nas situações reais de produção. O homem traz em seu discurso o individual e o coletivo, desenvolvendo-se por meio da linguagem e da interação entre interlocutores. Nesse sentido, compreendemos que:

> A verdadeira substância da língua não é substituída por sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada pela enunciação ou pelas enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1995, p. 123)

Partindo do pensamento de língua como processo interativo, objetiva-se, neste trabalho, discutir a importância da revisão textual para além das regras ortográficas e gramaticais e da escrita como prática discursiva, articulada por aspectos fundamentais ao uso da língua. A princípio, apresentaremos o percurso da Linguística Textual na definição

[1] Licenciada em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Pós-Graduada em Revisão Textual pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC, patriciawander098@gmail.com;
[2] Licenciada em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Graduada em Pedagogia pela Universidade Maciço do Baturité - UniMB, flavialaureano099@gmail.com;
[3] Professor orientador: Doutorando em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, jeferson.cruz@servidor.uepb.edu.br.

de texto. No segundo momento, trataremos da prática do revisor para além das regras gramaticais, abordando perspectivas que vão de uma prática purista a visões que avaliam os elementos extralinguísticos que configuram o sentido do texto como um todo.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O estudo caracteriza-se como bibliográfico e qualitativo, estruturando os procedimentos metodológicos e a reflexão teórica acerca da função da revisão textual nos dias atuais. Para tanto, a pesquisa fundamentou-se em teóricos da sociolinguística e da Linguística Textual voltados à investigação do texto sob a ótica de seu contexto sócio-histórico, destacando autores como Antunes (2003), Marcuschi (2012), Koch (2015), Fávero & Koch (2012), Bakhtin (1995) e Bentes (2006). Além disso, foram contemplados manuais e obras de autores dedicados à prática de revisores e preparadores de texto, a exemplo de Pinto (1993), Coelho Neto (2013) e Malta (2000), entre outros especialistas que se debruçam sobre a temática.

REFERENCIAL TEÓRICO

O texto sob a ótica da Linguística Textual

A Linguística Textual surgiu na Europa na década de 1960 como uma subárea da Linguística Moderna, desenvolvendo-se a partir da insuficiência das abordagens teórico-metodológicas focadas na frase (fonologia, morfologia e sintaxe) para explicar os fenômenos textuais sociointerativos. Afastando-se da visão tradicional e monolítica da língua, a disciplina percorreu três momentos teóricos principais: a análise transfrástica, a gramática do texto e a teoria do texto. Conforme Marcuschi (2012), a análise transfrástica detém-se nas relações além da frase; a gramática do texto foca a capacidade do falante de produzir e reconhecer textos coerentes; e a teoria do texto ultrapassa a estrutura formal e o falante para considerar o contexto social e interativo da produção, recepção e interpretação dos enunciados.

Ancorada no contexto, a Linguística Textual ressignifica o texto como um processo inacabado, multifacetado, instável e em constante transformação. Marcuschi (2008) concebe o texto como um tecido estruturado, uma entidade comunicativa e um

artefato socio-histórico, enquanto Beaugrande (1997, *apud* MARCUSCHI, 2008) o define como um evento em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas. Essas definições consideram tanto os aspectos formais quanto os contextuais no processamento discursivo.

Nessa perspectiva, o texto se realiza no sistema e no uso, orientando-se por princípios de textualização articulados aos conhecimentos linguísticos, sociais e cognitivos do falante. A textualização organiza-se a partir do pilar tríplice autor-texto-leitor e abrange aspectos cotextuais (coesão e coerência) e contextuais (aceitabilidade, informatividade, situacionalidade, intertextualidade e intencionalidade), constituindo um sistema equilibrado entre forma e conteúdo em que os critérios atuam de modo interdependente (MARCUSCHI, 2008).

O sentido não reside isoladamente no autor, no texto ou no leitor, mas resulta da atividade conjunta entre os interlocutores em situações reais de uso da língua (MARCUSCHI, 2008). Na concepção de Geraldi (1991), o significado textual é como o tecer de um tecido, exigindo a inter-relação entre autor e leitor para uma leitura efetiva. Diante da natureza viva, dinâmica e instável da língua, a análise do texto fundamentada na Linguística Textual direciona a reflexão sobre a prática da escrita e da revisão como um processo dialógico, dinâmico e sociointerativo, ultrapassando o mero escopo de correção ortográfica e gramatical.

A revisão textual para além das regras ortográficas e gramaticais

A prática da revisão textual, embora seja uma atividade antiga, não possui em seus registros históricos um início exato enquanto intervenção profissional formalizada. Na atualidade, trata-se de uma área em constante expansão, impulsionada pela oferta de cursos e pela ampla divulgação na internet, o que proporcionou maior acesso à profissão. Apesar desse reconhecimento, a função ainda é incompreendida por boa parcela da sociedade, que equivocadamente a restringe a uma ação isolada de correção de erros gramaticais.

O prestígio atribuído à variante culta, condicionada socialmente como superior às demais, aliado à ausência de exigência de um padrão profissional como pré-requisito no mercado de trabalho, configura fatores que desvalorizam o revisor e a relevância de seu ofício. A visão de que a língua é una e estanque, somada à dispensa de especialização,

reduz a atividade revisional à simples aplicação mecânica das regras da norma-padrão. Para o senso comum e sob a perspectiva tradicional defendida por Oliveira (2007), a revisão restringe-se a uma etapa posterior à escrita focada em detectar violações e desvios normativos.

Em contrapartida, Lemos (2014) assegura que a revisão constitui uma fase indispensável a qualquer manuscrito destinado à publicação, ultrapassando os limites estruturais e ortográficos para abranger os elementos de coesão, coerência, o sentido produzido, o estilo do autor e o gênero textual correspondente. Limitá-la a um sistema de códigos constitui um equívoco que contraria o princípio fundamental de que a língua só se atualiza a serviço da comunicação intersubjetiva, em situações de atuação social e por meio de práticas discursivas materializadas em textos (ANTUNES, 2003).

Dessa forma, o trabalho do revisor torna-se verdadeiramente eficaz quando compreende a escrita como prática discursiva dinâmica e dialógica. Para garantir a clareza da mensagem e a eficácia pretendida, o profissional deve transcender o mero rigor gramatical e considerar a pluralidade linguística, evitando impor suas próprias normas (YAMAZAKI, 2007). O compromisso primordial da revisão está voltado para a compreensibilidade e a legibilidade do texto, estabelecendo uma relação colaborativa entre autor e revisor. Como pontuam Bakhtin/Voloshinov (1995), a palavra constitui o território comum e a ponte lançada entre o locutor e o interlocutor.

Adicionalmente, Koch (2015) destaca que a atuação do revisor sofre interferência direta das concepções de língua e de sujeito adotadas, variando entre a representação do pensamento (sujeito psicológico), a estrutura formal (sujeito determinado) e o lugar de interação (sujeito psicossocial ativo). Sob a ótica interativa, a revisão abrange um conjunto de interferências não autorais visando à melhoria global do texto (ATHAYDE, 2011). Coelho e Antunes (2010) corroboram ao dividir o trabalho em modalidades específicas, gráfica, normalizadora e temática, enfatizando que a verificação ortográfica e gramatical deve figurar estritamente como a última etapa de um processo que exige a observância prévia da textualidade e do gênero textual.

Por fim, apoiando-se nas reflexões, conclui-se que o bom revisor é aquele que cultiva o hábito diário da leitura e da pesquisa, compreendendo que a revisão textual representa uma função social complexa e essencial para assegurar que a linguagem cumpra plenamente o seu papel comunicativo nos mais diversos contextos socioculturais.

ISSN: 2358-8829

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As discussões apresentadas sobre o trabalho do revisor de textos propuseram-se a partir de uma abordagem linguística, social e cognitiva, tornando necessária a análise do texto sob a ótica da Linguística Textual. Essa ciência insere-se em novos espaços de diálogo como um estudo indispensável para a amplitude das significações que a língua e a linguagem abrangem a partir do contexto social.

Verificou-se que o texto escrito, sob a teoria do texto, passa a ser abordado pela perspectiva do uso da língua, contemplando o papel do falante e sua competência linguística na interpretação dos enunciados e na produção dos sentidos. Essa compreensão dos processos linguísticos, produzidos nos mais variados contextos, direcionou a reflexão da prática do revisor de textos para além das formas fixas, ressignificando-a como uma ação sociodiscursiva.

Diante disso, chegou-se ao entendimento de que a função do revisor não compreende uma prática isolada com o simples propósito de corrigir erros ortográficos e gramaticais, e que a concepção da norma culta como absoluta deve ser repensada pela sociedade atual e, principalmente, pelo revisor que tem o texto como sua ferramenta de trabalho.

Para viabilizar essa possibilidade, discutiu-se a importância do revisor ser um profissional especializado, condição necessária para atuar no mercado editorial, visto que o simples conhecimento das regras gramaticais não basta para qualificá-lo como um bom revisor apto a atuar, enfatizando-se que a pesquisa e a leitura devem acompanhá-lo diariamente nesse percurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, concluiu-se que o olhar profissional do revisor é indispensável antes de se publicar um texto, pois é ele quem confere a qualidade necessária à mensagem, objetivando a interação com o leitor de forma clara e compreensível. O assunto não se esgota nesta proposta de trabalho, retomando-se o pensamento de que o aspecto mais importante da profissão é o entendimento da atividade como prática discursiva e da língua como ato dinâmico e dialógico. Dessa forma, a revisão textual precisa contemplar, necessariamente, tanto a materialidade linguística quanto os elementos extralinguísticos essenciais para o processo de textualização dos textos.

Palavras-chave: Revisão textual. Linguística textual. Escrita interativa. Norma padrão.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ATHAYDE, P. **Revisão de textos: teoria e prática**. Belo Horizonte: AGBOOK, 2011.

BAKHTIN, M. (VOLOSHINOV). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 1995.

BEAUGRANDE, R. de. New Foundations for a Science of Text and Discourse: Cognition, Communication, and the Freedom of Access to Knowledge and Society. 1997. *In*: MARCUSCHI, L. A. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola Editora, 2008.

COELHO, Sueli Maria; ANTUNES, Leandra Batista. Revisão Textual: Para além da revisão Linguística. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 14, n. 26, p. 205-224, 1º sem. 2010. Disponível em: http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4361/4506. Acesso em: 10 dez. 2022.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

LEMOS, M. A regulamentação da profissão do revisor de textos: uma medida social necessária. **Cenários**, Porto Alegre, v. 1, n. 9, p. 139-151, 2014. Disponível em: http://seer.uniritter.edu.br/index.php/cenarios/article/view/869. Acesso em: 05 jan. 2023.

MARCUSCHI, L. A. **Linguística de texto: o que é e como se faz?** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MARCUSCHI, L. A. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola Editora, 2008.

OLIVEIRA, Risoleide Rosa Freire de. **Um olhar dialógico sobre a atividade de revisão de textos escritos: entrelaçando dizeres e fazeres**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2007. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/16265. Acesso em: 05 jan. 2023.

YAMAZAKI, Cristina. **Editor de texto: quem é e o que faz**. São Paulo, 2007.